

# *Gêneros da Mídia Impressa no Livro Didático e a Notícia Adaptada*

Luzia BUENO

Universidade São Francisco – USF

**Resumo:** Este artigo pretende apresentar os resultados de uma pesquisa sobre como os livros didáticos de Português, avaliados no PNLD/1999, têm trabalhado com os textos dos gêneros da mídia impressa. Na análise, constata-se que os textos da mídia aparecem retextualizados, o que pode trazer implicações para o ensino da leitura.

**Palavras-chave:** gêneros; mídia impressa; livro didático; leitura.

**Abstract:** This article presents the results of a research about how the textbook of Portuguese, evaluated in the PNLD/1999, has worked with texts of the printed media. In the analysis, the texts of the media appear modified, what can bring consequences for the teaching of reading.

**Key words:** genre; printed media; textbook; reading.

**Resumen:** Este artículo presentará los resultados de una investigación acerca de como los libros educativos del portugués, evaluado en el PNLD/1999, han trabajado con los textos de los medios impresos. En el análisis, se establece que los textos de los medios aparecen modificados, lo que puede traer consecuencias para la educación de la lectura.

**Palabras-clave:** géneros; medios impresos; libro de texto educativo; lectura.

## **Introdução**

Durante o mestrado em Linguística Aplicada no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp) fiz uma pesquisa para saber como os gêneros da mídia impressa estavam aparecendo nos livros didáticos de 3º e 4º ciclos. O motivo que me levou a fazer tal pesquisa

foi a constatação de que os livros didáticos – doravante LD – estavam incluindo, entre seus textos, gêneros diferentes dos literários, como os da mídia impressa, o que poderia representar alguma mudança no modo como se ensinava leitura. Esse procedimento do LD foi bastante influenciado pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa e também pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

A fim de verificar se a inclusão dos gêneros da mídia impressa e o trabalho feito com eles representavam uma modificação no ensino de leitura, selecionei 7 coleções de LD de 3º e 4º ciclos e empreendi uma análise de cada uma delas. Um ponto que chamou a atenção foi o fato de os textos aparecerem retextualizados, ou seja, modificados, adaptados ao LD.

Neste artigo, mostrarei um exemplo dessa retextualização ocorrida com o gênero notícia. Antes, porém, apresentarei as coleções analisadas e as quantidades de gêneros da mídia impressa que têm aparecido no LD.

## 1 Os Gêneros da Mídia Impressa no LD de Português

Para a análise, selecionamos coleções em que todos os 4 volumes (5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries) estivessem como *recomendados com distinção ou recomendados* na avaliação do MEC no PNLD de 1999. Dessa forma, chegamos ao total de 7 coleções de Português, a saber:

- 1) *ALP - Análise, Linguagem e Pensamento* (Ed. FTD) de Maria Fernanda Cocco e Marco Hailer
- 2) *Português: Leitura e Expressão (Ed. Atual)* de Cristina M. Bassi e Márcia Leite
- 3) *Português* (Ed. Módulo) de Reny Guindaste
- 4) *Linguagem Nova* (Ed. Ática) de Carlos Faraco e Francisco Moura
- 5) *Português através de textos* (Ed. Moderna) de Magda Soares
- 6) *Palavra Aberta* (Ed. Atual) de Isabel Cristina Cabral
- 7) *Português em Outras Palavras* (Ed. Scipione) de Maria Gonçalves e Rosana Rios

No decorrer desse artigo, tais coleções serão designadas, respectivamente, por:

- 1) ALP
- 2) PLE
- 3) P
- 4) LN
- 5) PAT
- 6) PA
- 7) POP

Analisando essas coleções, pudemos ver que, no LD atual, ainda encontramos os gêneros literários como predominantes; todavia, já notamos que os gêneros da mídia impressa<sup>1</sup> também já têm o seu destaque, aparecendo muitas vezes como o texto principal da unidade. Vejamos:

**Tabela 1 – Porcentagem de textos pertencentes aos vários gêneros nas coleções**

Livros/ Gêneros	PLE (46 textos principais)	PAT (59 textos principais)	ALP (197 textos*)	POP (100 textos principais)	PA (80 textos principais)	LN (60 textos principais)	P (183 textos*)
Literários	46 (100%)	58 (98,30%)	94 (47,7%)	72 (72%)	61 (76,25%)	48 (80%)	39 (21,3%)
Da Mídia Impressa	0 (0%)	1 (1,69%)	11 (5,58%)	6 (6%)	6 (7,5%)	5 (8,33%)	108 (59%)
Científicos			30 (15,2%)	3 (3%)	8 (10%)	4 (6,66%)	28 (15,3%)
Publicitários			5 (2,53%)	1 (1%)		3 (5%)	3 (1,63%)
Outros**			57 (28,93%)	18 (18%)	5 (6,25%)		5 (2,73%)

\*ALP e P não fazem distinção em texto principal e secundário.

\*\*Em **outros** incluímos: capa de livro, certidão de casamento, trechos de lei, tabuleta explicativa de quadro ou escultura de museu, pinturas, fotos, esculturas, etc.

<sup>1</sup> Em relação aos gêneros da mídia falada, somente um LD apresentou, em uma seção de uma unidade suplementar, algumas poucas atividades envolvendo gêneros do rádio e da TV. Essas atividades sempre partiram de uma comparação entre gêneros da mídia impressa e os do rádio e TV. Como nosso objetivo é verificar o trabalho com a leitura, não exploraremos os gêneros dessa mídia.

De maneira geral, no interior das unidades do livro didático, sempre iniciadas por um texto principal, aparecem outros textos para auxiliar na discussão do assunto do texto principal, no estudo gramatical ou na produção de textos; são estes os textos a que chamaremos de **secundários**, entre os quais também aparecem gêneros da mídia impressa.

Considerando os textos principais e os secundários, encontramos os seguintes gêneros da imprensa sendo trabalhados nos livros didáticos: reportagem, notícia, nota, artigo, manchete, anúncio classificado, entrevista, sinopse de filmes, foto/legenda, tabela, capa de revista, editorial. Todavia, há, dentre estes, vários que aparecem entre uma e, no máximo, 4 vezes, tais como editoriais, sinopses de filme, capas de revista. A tabela abaixo nos mostra a relação entre a ocorrência de textos pertencentes aos gêneros da imprensa e a quantidade de coleções de LD que os apresentaram. É interessante notar que, mesmo a coleção PLE, que não apresentou nenhum exemplar de gênero da imprensa entre os seus textos principais, usou como texto secundário a notícia, único gênero que apareceu em todas as coleções.

**Tabela 2** – Números de ocorrências dos diferentes tipos de gêneros da imprensa nas coleções

Gêneros ↓	Total de LD (coleções) que trabalharam com este gênero
Notícia	7 (todas)
Reportagem	6
Nota	4
Classificado	4
Artigo	4
Foto / legenda	3
Manchete*	3
Entrevista	3
Charge	3
Tabela**	2
Capas	2
Sinopses	2
Editorial	2
Carta de leitor	1

\*Manchete ou títulos de notícias

\*\*Tabelas, gráficos ou quadros explicativos

Apesar de as notícias terem sido o único gênero trabalhado por todas as 7 coleções analisadas, notamos que as reportagens aparecem bastante no interior dos LD, seja como texto principal ou secundário: 148 exemplares é o número de reportagens apresentadas em 6 das 7 coleções em análise.

**Tabela 3** – Ocorrência de exemplares dos gêneros nas coleções

LD ⇒								
Gêneros ↓	PLE	PAT	ALP	LN	POP	PA	P	Total
Notícia	6	1	2	27	5	1	18	60
Reportagem	8		10	24	22	10	74	148
Notas	7			1	2	1		11
Classificado	1	3		7			1	12
Artigo			1	3		2	3	9
Foto / legenda				13		1	4	18
Manchete	4			7		1		12
Entrevista	2			2	1			5
Charge				1	1	1		3
Tabela	2						8	10
Capa	1			3				4
Sinopses	1			3				4
Editorial				2	1			3
Carta de leitor				3				3

Verificando as duas tabelas acima, podemos constatar que os gêneros que aparecem em mais da metade dos LD analisados – ou seja, em pelo menos 4 das 7 coleções de LD – são as reportagens, notícias, notas, manchetes, anúncios classificados e artigos. Os demais gêneros aparecem em menos coleções e em menor número de exemplares, como a carta de leitor que só aparece uma única vez.

Nota-se também, nesses dados, que existe uma predominância dos gêneros narrativos em detrimento dos argumentativos, como a carta de leitor, o artigo e o editorial. Assim, apesar de o LD já abrir espaço para outros gêneros, a seqüência predominante continua sendo a narrativa, a mesma que ocorre em muitos dos gêneros literários.

## 2 A Notícia e a Retextualização no Livro Didático

Os gêneros da mídia não mantêm no LD as mesmas características que encontramos nesses gêneros nas situações de comunicação das quais eles fazem parte. Eles sofrem modificações, ou seja, são retextualizados.

A retextualização (MARCUSCHI, 2001) é a atividade de transformar um texto pertencente a um gênero em um exemplar de outro gênero. Isso ocorre, segundo Marcuschi (2001), em inúmeras situações de nosso cotidiano, quando resgatamos a fala de alguém e a reproduzimos, como ocorre, por exemplo, na situação de produção de entrevistas que encontramos em jornais ou revistas: há uma primeira parte oral que, a seguir, é transformada em texto escrito. A entrevista que lemos nas páginas amarelas da *Veja* não contém as marcas de oralidade que, com certeza, estavam presentes no momento da entrevista oral. Essa transformação e a reflexão dos processos que ocorrem, segundo Marcuschi (2001), deveriam fazer parte do ensino.

Todavia, não é essa retextualização com o objetivo de ensinar como transformar um texto em outro de gênero diferente do anterior que encontramos no LD.

Embora os classificados, as fotos/legendas, as charges, as tabelas, as capas e a carta de leitor apareçam no LD com o mesmo formato que têm em jornais e revistas, os demais gêneros - notícias, reportagens, notas, manchetes, entrevistas, sinopses de filmes e editoriais - aparecem modificados.

Seja como texto principal seja como secundário, esses gêneros da mídia impressa aparecem retextualizados no LD, ou seja, eles sofrem uma adaptação para se tornarem textos típicos do LD nas coleções que os utilizam - exceção foi a coleção P que, apesar de não apresentar os textos exatamente como foram publicados em jornais ou revistas, ao menos procurou mantê-los em colunas, respeitando uma de suas características de diagramação.

O processo de retextualização didática dos textos de gêneros da mídia consiste em:

- acrescentar-lhes ilustrações ou explicações;
- cortar-lhes partes e às vezes fazer o acréscimo de outras;
- trocar-lhes o título;

- não apresentá-los em colunas como aparecem em jornais ou revistas; e
- não manter os recursos gráficos empregados em sua publicação original.

Vejam como isso ocorreu com as notícias no interior dos livros. Muitas delas aparecem modificadas/adaptadas conforme os autores. Das 7 coleções analisadas, somente 3 – PLE, PA e LN – explicitaram na referência dos textos quando houve adaptação, mas nenhuma expôs no manual do professor ou livro do aluno que tipo de adaptação foi feito.

Todavia, verificando o original de um desses textos adaptados, uma notícia - apresentada em PA, na 4ª das 10 unidades do volume 8 -, encontramos uma notícia, que apresentaremos logo a seguir, montada a partir de cortes e acréscimos de duas outras publicadas no jornal Folha de S. Paulo em 19/11/1994.

A notícia “Escola impede estudo de aluno com brinco” usada no LD contém 11 parágrafos, mas somente os parágrafos de 1 a 8 pertencem à notícia original; contudo, mesmo estes sofreram modificações. Os parágrafos de 9 a 11 são, na verdade, os três primeiros de uma outra notícia que denominaremos “notícia original 2”, que poderá ser vista logo a seguir com a notícia do LD.

O texto do LD contém os parágrafos de 1 a 8 e o parágrafo 11 da notícia original, mas houve supressão dos demais, que estão destacados em negrito; também o lide, que dizia “Menino de 6 anos é barrado por furar orelha; pais acusam colégio de discriminação e vão à justiça”, foi suprimido. Esse lide expõe dois fatos de que a notícia trata: 1) o menino de brinco não poder estudar por causa do brinco e 2) a ação dos pais diante disso.

Essa supressão, além de contribuir para a descaracterização do gênero notícia, acarreta uma alteração no foco da leitura. Ao cortar o lide e acrescentar a introdução típica do LD sobre o tema do texto ressaltando só um dos fatos tratados, o LD faz que a atenção do leitor recaia sobre o menino e a escola, enquanto a questão da ação dos pais em relação à escola fica em segundo plano. O mesmo, provavelmente, não ocorreria caso o lide fosse mantido uma vez que ele contribuiria para direcionar a focalização (KOCH; TRAVAGLIA, 2002) que o leitor faria do texto a fim de torná-lo coerente para ser compreendido.



Além de cortar os parágrafos 9, 10, 12, 13 e 14, que tratavam da reação da família à ação da escola, o texto do LD também fez modificações no interior do texto. Logo no primeiro parágrafo, foi colocada uma crase, inexistente no texto original, depois do verbo assistir adequando-o à norma culta. Contudo, a mídia vem marcadamente usando este verbo como transitivo direto, independentemente do sentido que tenha, como podemos ver em várias notícias, repetindo o que a população também faz. Ao “consertar” a regência, impediu uma bela discussão sobre a mobilidade da língua.

Também nesse primeiro parágrafo do LD, a forma verbal “quer” da notícia original, no segundo parágrafo, foi substituída por “permite”. Há uma diferença semântica entre os dois verbos. O verbo ‘querer’ denota subjetividade e não implica uma ação do outro, uma vez que o fato de alguém não querer a realização de uma ação por outro, não necessariamente determinará que tal ação não será feita. O verbo ‘permitir’ implica uma relação de poder, alguém que pode permitir algo, e alguém sem poder, que precisará da permissão de outrem para agir. Ao trocar os dois verbos, o texto do LD acentua o poder da escola sobre o menino e dá um peso maior à questão do brinco, que deixa de ser uma questão de preferência pessoal e passa a ser uma questão que necessita de permissão. É interessante notar que, se por um lado o LD acentuou a vilania da escola ao trocar os verbos, por outro poupou a mesma escola de críticas ao omitir o nome desta, o qual constava no original.

Na notícia original, o segundo parágrafo, que aparece como segundo período no primeiro parágrafo do texto do LD, não se encerra na palavra “brinco”. No original aparece logo em seguida a razão pela qual a escola não quer os brincos: “para evitar modismos”. Esse corte também ajuda a caracterizar negativamente a escola, uma vez que neste momento parece que ela age sem ter uma razão que fundamente a sua posição. Nesse mesmo trecho, a referência ao outro texto feito no original com a frase “leia texto ao lado” também foi suprimida. Como o livro não apresentaria as várias notícias sobre este assunto - por opção, pois poderia apresentar as várias notícias - este corte é compreensível. O mesmo não se pode dizer da troca dos

parênteses do original no 2º e no 5º parágrafos, uma vez que em notícias os parênteses são um recurso de pontuação bem recorrente.

Vejamos as duas notícias:

**Estudo de textos**

**TEXTO 1**

Em 1994, houve em São Paulo um caso bastante noticiado pela imprensa. Um menino de 6 anos foi impedido de assistir às aulas porque estava usando brinco. O texto que você vai ler, agora, noticiá esse fato.

**Escola impede estudo de aluno com brinco**

Por causa de um brinco na orelha esquerda o menino Bruno Strifezi Lencioni, 6 anos, foi impedido de assistir às aulas unicamente em sua escola, na Cidade Jardim (zona oeste de São Paulo). A escola, que vai do maternal à 8ª série, não permite que meninas usem brinco.

Os pais de Bruno, Adriana e Alexandre Lencioni, vão processar a escola por discriminação, constrangimento ilegal e proibição do direito de ir e vir do aluno. "Consultamos advogados e educadores e eles foram unânimes em afirmar que a atitude da escola foi totalmente arbitrária", disse Alexandre Lencioni, 51.

Outem, Lencioni registrou queixa contra a escola no 15º Distrito Policial, no Itaim Bibi (zona oeste).

Bruno colocou o brinco na quarta-feira à tarde. "Um amigo do paiôeu tinha orelha furada e eu achava legal. Pedi para minha mãe e ela me levou para pôr o brinco."

Na quinta, assim que chegou à escola, Bruno foi chamado pela orientadora, que pediu para que ele tirasse o brinco.

Segundo Adriana Lencioni, 29, a orientadora teria dito a Bruno que ele não poderia assistir às aulas de brinco. "Eu tentei tirar, mas doeu muito. Aí a tia ajudou e tirou para mim", disse Bruno.


Para Adriana, a atitude da escola foi uma agressão. "Bruno não poderia tirar o brinco por pelo menos uma semana para evitar infecções. O dano psicológico e moral que essa escola fez ao meu filho é irreparável."

Segundo o orientador da escola, o uso de brincos por meninas é proibido para evitar acidentes.

Detemos isso claro na reunião de pais. Ninguém se manifestou contra as normas impostas. Mas quem estiver insatisfeito não precisa continuar aqui", disse.

O orientador afirmou que a escola também desaconselha que meninas usem brincos. "O brinco não faz parte do uniforme e pode machucar. Mas para as meninas não é proibido."

Atendimento do Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC) da Prefeitura de São Paulo, 13/11/1994.



**PA, volume 8, p. 67**

## Notícia Original <sup>2</sup>

Escola impede estudo de aluno com brinco  
**Menino de 6 anos é “barrado” por furar a orelha; pais acusam colégio de discriminação e vão à justiça<sup>3</sup>**

Daniela Falcão  
Da Reportagem Local

Por causa de um brinco na orelha esquerda o menino Bruno Strifezzi Lencioni, 6, foi impedido de **assistir aula** anteontem na **Escola Morumbi**, em Cidade Jardim (zona oeste de São Paulo).

A escola **(que vai do maternal à 8ª série)** não quer que meninos usem brinco **para evitar modismos (leia texto ao lado)**.

Os pais de Bruno, Adriana e Alexandre Lencioni, vão processar a escola por discriminação, constrangimento ilegal e proibição do direito de ir e vir do aluno.

“Consultamos advogados e educadores e todos foram unânimes em afirmar que a atitude da escola foi totalmente arbitrária”, disse Alexandre Lencioni, 31.

Ontem, Lencioni registrou queixa contra a escola no 15º **DP (Distrito Policial)**, no Itaim Bibi (zona oeste).

Bruno colocou o brinco na quarta-feira à tarde. “Um amigo do prédio tinha orelha furada e eu achava legal. Pedi para minha mãe e ela me levou para pôr o brinco.”

Na quinta, assim que chegou à escola, Bruno foi chamado pela orientadora que pediu para que tirasse o brinco.

Segundo Adriana Lencioni, 28, a orientadora teria dito a Bruno que ele não poderia assistir aulas de brinco. “Eu tentei tirar, mas doeu muito. Aí a tia ajudou e tirou para mim”, disse Bruno.

**Adriana, que tinha deixado os filhos na escola, foi chamada para uma reunião com a diretoria.**

**“Eles disseram que eu estava transformando meu filho num maconheiro só por causa do brinco. Essa foi a coisa mais absurda que já ouvi”, disse.**

<sup>2</sup> Retirei as notícias do site da Folha na Internet; lá elas não aparecem como foram publicadas no jornal real, ou seja, em colunas.

<sup>3</sup> Os trechos em negrito são os que foram modificados ou suprimidos na versão do LD.

Para Adriana, a atitude da escola foi uma agressão. “Bruno não poderia tirar o brinco por pelo menos uma semana para evitar infecções. O dano psicológico e moral que essa escola fez ao meu filho é irreparável.”

**Ontem, tanto Bruno quanto o irmão mais novo, Caio, 4, se recusaram a ir à escola. “Não quero mais voltar lá porque não vou tirar meu brinco”, disse Bruno.**

**“Só a caçula, que tem dois anos e ainda não entende o que aconteceu foi à escola. Mas na segunda, vou matriculá-los em outro lugar”, disse Adriana.**

**Os três filhos do casal Lencioni estudam na Escola Morumbi há um ano e meio. “Gostava da escola, mas sempre senti que faltava diálogo”, afirmou.**

(Caderno Cotidiano, Folha de S. Paulo, 19/11/1994, p. 3-4)

Os parágrafos finais do texto do LD são os parágrafos iniciais da notícia original 2. Mas, também nesse caso, houve modificação na versão do LD. Assim como o nome da escola, o nome do orientador foi suprimido. Em uma notícia ou reportagem, é comum aparecer o nome completo das pessoas envolvidas, como vemos acontecer com o nome do aluno Lucas e os dos seus pais. Sendo assim, cortar o nome do entrevistado é também descaracterizar o gênero notícia, uma vez que, quando a pessoa entrevistada não quer divulgar o seu nome, no texto da notícia é dito que esta preferiu não ser identificada, o que não ocorreu neste caso. Esse corte também descaracteriza uma das formas de coesão referencial da notícia, que é a repetição de parte do nome das pessoas envolvidas como vemos com as ocorrências de “Alexandre Lencioni” no terceiro parágrafo da versão do LD e “Lencioni” no parágrafo seguinte do mesmo texto, ou com “Adriana Lencioni” (parágrafo 7 da versão do LD) e “Adriana” (parágrafo 8 da versão do LD). Em notícias, emprega-se pouco a elipse e menos ainda a repetição de lexema idêntico ao anterior para fazer a coesão referencial, como ocorre na versão do LD nos parágrafos 9 e 11 em que o sintagma nominal “o orientador” é usado sucessivamente.

Vejamos a notícia original 2:<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Os trechos em negrito foram suprimidos ou alterados na versão do LD.

### Colégio quer evitar modismos

Da Reportagem Local

Segundo **Aloísio Xavier Ferreira**, orientador da **Escola Morumbi**, o uso de brincos por meninos é proibido para evitar modismos.

“Deixamos isso claro na reunião de pais. Ninguém se manifestou contra as normas expostas. Mas quem estiver insatisfeito, não precisa continuar aqui”, disse.

**Ferreira** afirmou que a escola também desaconselha que meninas usem brincos.

“O brinco não faz parte do uniforme e pode machucar. Mas para as meninas não é proibido”, disse.

**Para o advogado criminalista e ex-presidente da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Marcio Thomaz Bastos, a proibição é absurda.**

“É uma manifestação de intolerância com hábitos mutáveis da sociedade, burra, discriminatória e preconceituosa”, afirma. “Além de ser inconstitucional. Não existe nada na Constituição que impeça que essa criança use brinco.”

**O presidente da Associação Intermunicipal de Pais e Alunos, Mauro Bueno, 40, concorda com Thomaz Bastos.**

“A escola confundiu a questão educacional com a formação pessoal da criança, que cabe principalmente aos pais”, disse. “Os educadores podem até suplementar a tarefa, mas neste caso a escola extrapolou.”

**Bueno diz que se estivesse na situação dos pais de Bruno faria um escândalo.**

“Iria à polícia, à delegacia de ensino. Um brinco não compromete o rendimento nem o comportamento escolar de um aluno e seus colegas, a reação da escola não tem razão de ser.”

**De acordo com Bueno, a atitude tomada contra Bruno Stritevzi Lencioni prova que a escola está muito mais preocupada com a imposição de regras do que com a educação das crianças.**

“Estes educadores não têm idéia da violência que estão provocando contra esta criança”, disse.

(Carolina Chagas e Daniela Falcão, Caderno Cotidiano, Folha de S. Paulo, 19/11/2002, p. 3-4)

Resumindo: como pudemos ver, um primeiro empecilho para o ensino dos gêneros da mídia no LD é a retextualização de seus exemplares, uma vez que esta apaga características do gênero, tornando os textos muito distantes da forma como são vistos e usados nas situações comunicativas reais.

### **Considerações Finais**

A análise desses livros nos mostra que o LD vem se modificando. A inclusão de textos diferentes dos literários é um ponto bastante positivo, pois em nossa vida diária temos contato com diferentes gêneros textuais e a escola, via LD, deve apresentá-los aos alunos a fim de torná-los leitores efetivos.

Todavia, ao trazer os textos e modificá-los, o LD demonstra tratá-los como se fossem textos só da escola, que não pertencessem e funcionassem em outras esferas sociais. Dessa forma, trabalha-se a leitura, mas somente a da escola, e não a do mundo.

Dada a importância do LD no nosso contexto educacional e a relevância da leitura em nossas vidas como cidadãos, torna-se necessário repensar como trazer os textos da mídia impressa para o LD.

### **Referências bibliográficas**

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CEB nº 2, de 7 de abril de 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, p. 31, 15 abr. 1998a. Seção I.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

BUENO, Luzia. **Gêneros da mídia impressa em livros didáticos para os 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental**. 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas.

CHAGAS, Carolina; FALCÃO, Daniela. Colégio quer evitar modismos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 nov. 1994. Caderno Cotidiano, p. 3-4.

FALCÃO, D. Menino de 6 anos é “barrado” por furar a orelha; pais acusam colégio de discriminação e vão à justiça. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 nov. 1994. Caderno Cotidiano, p. 3-4.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Coerência e argumentação**. São Paulo: Contexto, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

PAVANI, Cecília (Org.). **Jornal**: (in)formação e ação. Campinas: Papirus, 2002. (Série Atividades)

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Les genres scolaires. Des pratiques langagières aux objets d’enseignement. **Repères**, n. 15, 1997.